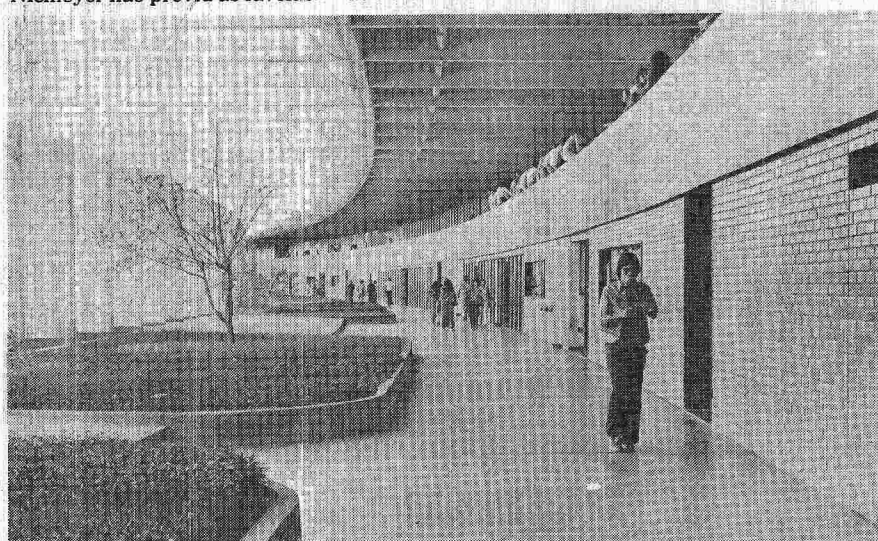


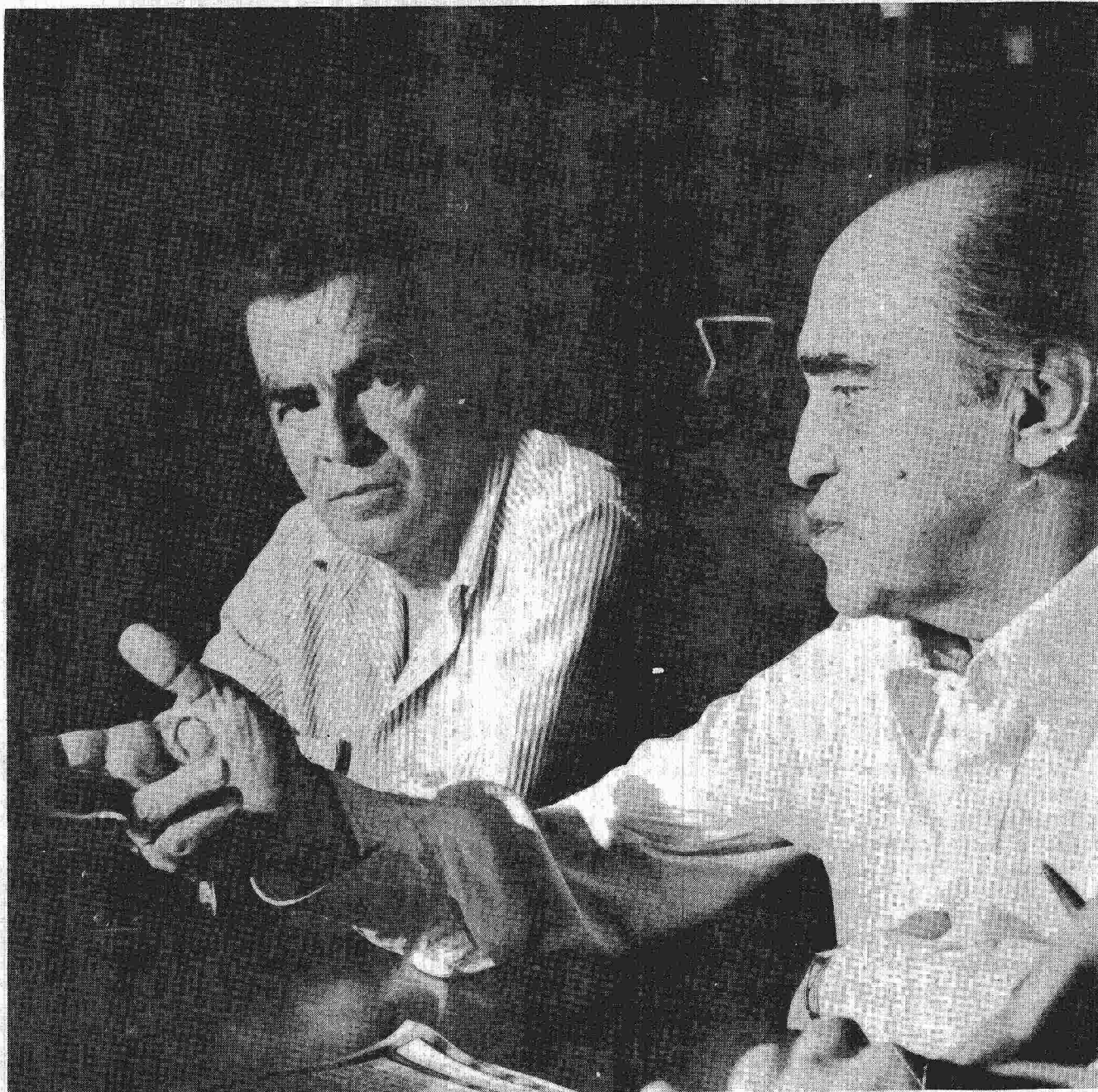
Brasília revista pelos seus criadores



Niemeyer não previu as favelas. E as condena



Para Darcy Ribeiro a UnB é o oposto do que deveria ser



Muita emoção no debate Niemeyer-Darcy, com o brasileiro

Estudantes, arquitetos, professores, e pioneiros da construção de Brasília lotaram, na noite de sexta-feira, o auditório da Tv Brasília para ouvir Oscar Niemeyer e Darcy Ribeiro falarem sobre suas experiências no Brasil e no exterior.

Promovido pelo Instituto dos Arquitetos do Brasil e pela Associação dos Docentes da Universidade de Brasília, o encontro se realizou em um clima de grande emoção. Para a maioria dos presentes era o primeiro contato direto com dois dos criadores de Brasília, enquanto que para outros foi uma oportunidade de revê-los e relembrar os tempos duros da construção da cidade.

Niemeyer utilizou esboços de suas obras, feitos na hora com traço rápido e leve, para falar sobre suas concepções de arquitetura e suas relações com a sociedade. Também projetou um filme sobre a construção de uma das suas mais importantes obras no exterior, a sede da Editora Mondadori, em Milão, na Itália, assim como diapositivos de algumas outras obras importantes, também no exterior. Falou com amargura do desvirtuamento sofrido por Brasília, «por culpa desta sociedade capitalista, que divide os homens em classes e impede que os menos favorecidos desfrutem de suas realizações», e lembrou o espírito com que ela foi construída. «Queríamos que Brasília fosse uma cidade de homens livres, que pudessem trabalhar e viver dignamente, e a igualdade reinante entre nós durante os primeiros tempos de sua construção fez com que nos esquecêssemos um pouco da realidade brasileira, dessas disparidades sociais absurdas que acabaram por se instaurar em Brasília também».

Oscar Niemeyer afirmou que o esforço aqui realizado o comove muito. «Foi uma afirmação do poder criador de nosso povo, um sentido que eu procurei manter em todas as obras que realizei no exterior e que foi melhor compreendido em países também pobres e em processo de afirmação nacional, como a Argélia, do que em países de cultura tradicional, como os europeus». Como recado aos mais jovens, ele disse que é necessário não perder de vista a sociedade em que se vive. «Não é a arquitetura que vai mudar o mundo, mas sim a nossa atuação contínua, participando dos movimentos progressistas, sabendo a hora em que é mais importante falar e agir do que fazer arquitetura. É preciso não perder a esperança, olhar para o mapa do mundo e ver os países que se libertam e se constroem».

DARCI RIBEIRO

Darcy Ribeiro iniciou sua fala pedindo uma reflexão profunda sobre o que Niemeyer acabara de dizer. «Brasília representou uma ruptura, a face que o Brasil mostrou ao mundo como potencialidade o que podemos realizar quando nos é dada a oportunidade». Ele disse que receava que a residência contínua em Brasília fizesse os brasilienses insensíveis ao significado maior da cidade, que ele, como pessoa que passou muito tempo no exílio, podia ver com clareza. «Brasília não é o fim de uma evolução secular. E antes como a Roma de meados deste milênio, regra, modelo e cânone do que vem depois, uma antevisão do próximo milênio», disse ele.

Darci procurou falar mais detidamente do «seu pedaço» na construção de Brasília, que foi a criação da UnB. «O pedaço mais grato e belo da minha vida, trabalhando com cerca de mil companheiros, que em outros lugares procuravam pensar criticamente a Universidade brasileira e propor uma alternativa ao modelo tradicional». A UnB, disse Darcy, não deveria ser a ostentação da riqueza e do saber de uma sociedade antiga, mas sim um instrumento de superação da pobreza de um povo novo, em formação. «A UnB representou uma utopia, e ainda enquanto projeto já era importante pela crítica que representava à universidade tradicional».

A UnB, disse Darcy foi a utopia vetada. Seu propósito era o de dar espírito e criatividade a Brasília e fornecer assessoria de alto nível aos poderes públicos. «Queríamos trabalhar para a nação, ser capazes de pensar e elaborar o saber brasileiro e contribuir para a formulação do nosso projeto de nação», disse ele. «Mas para isso seria preciso haver liberdade de assumirmos riscos, cometermos erros na busca de nosso caminho. A UnB tinha que ser uma universidade de homens livres, e a partir do momento em que não houve mais liberdade no Brasil aquele sonho foi abaixo, e a UnB foi transformada em seu oposto, a uma velha universidade, que reproduz os privilégios e as classes dirigentes de um país colonizado e dependente, existindo para outros povos que não seu próprio».